

O olhar migrante sobre as identidades ou representações dos ‘Amazônidas’ em Rondônia (1970-1980) e a formação de novas identidades.

Maria Aparecida da Silva*

Resumo: Este trabalho faz uma descrição bibliográfica dos múltiplos olhares do migrante em relação às comunidades tradicionais e suas identidades próprias como “amazônidas” que se apropriaram do espaço geográfico em questão e estabeleceram um equilíbrio com a natureza. Esse equilíbrio foi herdado dos povos indígenas e que foram repassados e/ou mantidos pelos ribeirinhos, seringueiros e que aos poucos são assimilados pelo migrante cuja interpretação destas representações identitárias amazônicas vêm se alterando ao longo do tempo. Há duas faces: o modelo avassalador capitalista e a experiência do colono que passa pelo processo de aprendizagem e adquire o jeito de ser e viver na amazônia rondoniense.

Palavras-chave: Identidade. Indígena. Ribeirinhos. Seringueiros. Migrantes.

Introdução

O artigo ora exposto tem como objetivo descrever e analisar o olhar do migrante sobre as identidades e representações culturais dos “amazônidas” em Rondônia a partir das décadas de 1970 e 1980. Formando novas identidades com a chegada de milhares de pessoas, gerado pelo alto índice de migração nos últimos 40 anos para esta fronteira nacional.

A visão do sujeito que chega a essa região é de estranheza quando percebe que aqui já se encontra os povos e as comunidades tradicionais compostos por indígenas e ribeirinhos. Esses grupos estão vinculados aos rios e aos seringais, e são agroextrativistas, que de acordo com Cruz (2012, p. 595-597) são nomeados, identificados e classificados de acordo com a diversidade de culturas e modos de vida de um conjunto de grupos sociais que vem ocupando ao longo dos anos áreas agora destinados à preservação e conservação ambiental.

Além do mais, estas comunidades se caracterizam por terem uma relação intensa com a natureza, com o território, com a territorialidade, com a racionalidade econômica produtiva e com suas inter-relações pessoais e entre grupos da região, formando uma auto-identificação. Os grupos que constituem a sociedade amazônica somam mais de seis milhões de sujeitos que compõem um mosaico cultural amazônico. Tem por base o extrativismo vegetal como meio de subsistência, modelo que promove uma relação de respeito, a convivência mútua entre homem e natureza

* Aluna do Curso de Mestrado em História e Estudos Culturais – UNIR – Porto Velho – Rondônia. Professora da SEDUC/RO. cidaselhorst@yahoo.com.br

e mais ainda sem ter que destruir a floresta, motivo que causa indignação ao migrante.

Para se compreender as realidades dos grupos mencionados que vivem nesta sociedade plural, complexa e imensa, foi necessário buscar subsídios em bibliografias e outros materiais que pudessem dar consistências ao trabalho que está estruturado a partir dos seguintes temas: Identidade abordada por Hall (2006); a questão indígena: encontros e desencontros analisados por Amaral (2004), Neves (2006), Gondim (1994), Tocantins (1982) e Moreira Neto (1988); as comunidades ribeirinhas discutidos nas narrativas de Silva (2003), Loureiro (2001), Revista Nova Escola e o documentário “O Chamado do Madeira”; os seringueiros e a simbiose com a floresta propostos nas bibliografias de Silva (2003), Amaral (2004) e no Documentário “Seringal”; a migração e as mudanças na dinâmica das relações sociais apontados por Amaral (2004), Silva (2003) e Ianni (1979).

1 Identidade

A migração de modo geral tem contribuído para a formação de identidades. De acordo com Hall (2006, p. 07), o processo de formação da auto-imagem desses povos estão sujeitos a uma historização radical, via ação dos sujeitos envolvidos, e às adaptações que vão ocorrendo a partir da história, da linguagem e da cultura que se configuram de acordo com a realidade de cada região. Esse processo passa constantemente por mudanças e transformações.

Hall (2006, p. 12-17) trabalha com a ideia de que o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa. Ele vem assumindo identidades diferentes de acordo com o momento e a realidade em que vive, contribuindo para a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos que devem ter surgido a partir dos “novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, movimentos antinucleares e ecológicos.” (HALL, 2006, p. 21).

É no movimento ecológico que a discussão se firma quando o que está em evidência é a Amazônia, pois, os povos e as comunidades tradicionais, compostas por indígenas, seringueiros e ribeirinhos, sentem-se ameaçados com a presença de agentes externos, neste caso os migrantes. De acordo com Amaral (2004, p. 49) o migrante visa “simplesmente a reprodução social nas novas terras”, onde “o homem

era tudo, a natureza era nada” (Idem, p. 63) causando reações imediatas por parte de quem já se encontrava nessas terras e com elas possuíam uma identidade constituída. “Os projetos implantados não levaram em consideração essas organizações sociais – indígenas, seringueiros e ribeirinhos, que já faziam parte do contexto da Amazônia.” (AMARAL, 2004, p. 50)

Considerando todos os percalços ocorridos, a chegada dos migrantes contribuiu, tanto no imaginário como no campo simbólico, para que se originassem novas identidades. Esse processo apresenta características bastante diversificadas, com vários olhares e múltiplas experiências trazidas pelos sujeitos envolvidos na socialização e nos espaços ocupados pelos mesmos. Toda essa ação poderia estar ou não em concordância com o discurso implantado, uma vez que procuravam solidificar sua individualidade e ao mesmo tempo estar integrado ao mundo globalizado.

As identidades tornam-se algo concreto a partir do momento em que os migrantes, neste caso específico, aceitem se representar dentro de uma nova perspectiva de vida. Eles não devem esquecer suas raízes, porém, podem reproduzir ou não costumes e heranças culturais de sua terra natal no ‘habitat’ ora ocupado. É essencial que visualizem neste novo conjunto iniciativas que moldem suas configurações como resultado do contato com outros modos de vida. Deste modo, estariam contribuindo na consolidação de uma identidade cultural em formação.

2 A questão indígena: encontros e desencontros culturais

As múltiplas culturas nesta região apontam para uma ocupação milenar neste vasto território, provavelmente um período de povoamento datado de aproximadamente 12 mil anos por inúmeros grupos indígenas com costumes e crenças que variavam de localidade para localidade dentro do espaço em questão. Os registros dos primeiros europeus que visitaram ou se estabeleceram na Amazônia indicam esta pluralidade até mesmo nos aspectos econômicos e políticos.

Segundo Neves (2006, p. 08),

De meados do século XVI ao início do XVII, quando os primeiros europeus visitaram ou se estabeleceram na Amazônia, era comum a referência à presença de grandes aldeias, algumas ocupadas por

milhares de pessoas, integradas em amplas redes regionais de comércio e de federações políticas regionais.

Destaca-se ainda que “os índios praticavam a agricultura perfeitamente integrada a ‘mata’” (AMARAL, 2004, p. 68) e que a partir da presença colonizadora na região por meio dos coletores das drogas do sertão, os sertanistas, missionários e posteriormente os mineradores, desestruturou a vida destes povos, consequência dos primeiros contatos com os denominados civilizados no século XVI.

Gondim (1994, p. 13) diz que o “encontro de culturas e civilizações distintas e o extermínio quase total do nativo pelas armas, doenças ou escravidão” demonstram que a sociedade abrangente e dominante da época impunha formas de destruição e aniquilação às populações que ocupavam este vasto território amazônico. A autora destaca que isso não ocorreu em sua totalidade, porque “a existência, da variedade racial e cultural, forçou a abertura de novas reflexões sobre o homem e a natureza, alargada e enriquecida pela visão diferenciada” (GONDIM, 1994, p. 38.) por parte dos migrantes.

Tocantins (1982, p. 11) destaca, que “era necessário organizar, integrar e dirigir as energias do homem branco, associadas ao homem indígena, no sentido da formação de uma sociedade apta a manter a posse da terra, e dela tirar os recursos para sua permanência efetiva.” Isto significa que o indígena foi e continua sendo o sujeito constituinte na base da colonização da Amazônia.

Entretanto, a imposição da cultura europeia foi um elemento fundamental para que houvesse a destruição de muitos povos ou ainda a aculturação, transformando-os em tapuios (MOREIRA NETO, 1988, p. 46)

A singularidade cultural do *tapuío* é menos o produto da preservação de uma cultura indígena dominante, que do processo inverso de perda de identidade étnica, substituída por uma cultura compósita, uma espécie de *cultura de contato* feita frutificar pelas missões, e que não podia geralmente ser referida a nenhuma cultura indígena em particular, embora de muitas delas, do mesmo modo que da tradição cultural europeia, houvesse herdado, redefinido e incorporado elementos.

Em relação à Amazônia, onde a considerável diversidade cultural e linguística tornava impossível a transfiguração de uma única tradição cultural indígena para formar o embasamento econômico, social e cultural dos indígenas reduzidos, a descaracterização das tradições culturais foi necessariamente maior. O produto final, o *tapuío*, é compelido a despojar-se do sentimento de pertencer a um povo e a uma cultura indígena em particular, não só pela ação catequética e civilizatória do missionário cristão, mas também, pela pressão de várias outras tradições tribais que integravam o aldeamento missionário.

Com o passar dos séculos de colonização da Amazônia o espírito capitalista impulsionou e deu continuidade a expulsão dos povos indígenas de suas terras que vem sendo invadidas pelos projetos de colonização, por garimpeiros, pelas hidrelétricas, por latifúndios e grileiros, entre outros agentes que usufruem de seus territórios e riquezas. Outros grupos, como os ribeirinhos e seringueiros, também tiveram suas vidas coletivas afetadas por meio da ação do governo federal quando efetivou os Projetos de Integração Nacional (PIN), pelas construções de hidrelétricas, urbanização dos espaços ocupados por estes grupos e também pelo agronegócio.

3 As comunidades ribeirinhas

Os moradores das áreas ribeirinhas são considerados como pessoas preguiçosas (SILVA, 2003, p. 46) e ainda inconstantes, despreocupados e ociosos, pois preservam suas raízes milenares e vivem da pesca e produção agrícola e de subsistência. Mas, o que se percebe é que a Comunidade Ribeirinha: traz “em sua cultura a herança indígena e cabocla” (SILVA, et al, p. 171-172). Na realidade “este viver ribeirinho não está inserido dentro da lógica capitalista de mercado [...]”, mas sim, às tradições milenares representadas e vivenciadas por eles em pleno século XXI:

Assim como a pluralidade de plantas e a fértil terra preta da Amazônia não são obras divinas, o modo de vida dos ribeirinhos amazonenses não é uma invenção atual. Ambos são herança de uma ocupação humana milenar. Acredita-se que diferentes partes da região, de Rondônia ao Pará, incluindo o baixo rio Negro, próximo a Manaus, já eram ocupadas 9 mil anos atrás. Esses povos sobreviviam da pesca, da coleta e da caça, provavelmente num contexto climático semelhante ao atual uma vez que um reaquecimento global fez aumentar as chuvas e o nível dos rios, causando cheias há 18 mil anos. (NOVA ESCOLA, 2008, p. 42)

Deste modo, “o ribeirinho organiza seu próprio tempo de trabalho de acordo com suas necessidades biológicas e culturais, tendo desta forma, toda liberdade de interromper o seu trabalho no momento em que desejar.” (SILVA, et al, p. 172). Este diferencial em adotar um modelo de vida em consonância com seu mundo ecológico incomoda os diversos grupos da sociedade que segue o ritmo e o jogo do poder capitalista.

Mesmo com a pressão do capitalismo, o ribeirinho, segundo Loureiro (2001, p. 65) “mantem-se arraigado a cultura rural, as tradições, a conservação de valores decorrentes de sua história a transmissão oralizada”. Desmistificando “o sentimento de inferioridade cultural do nativo em face da cultura de fora”. Uma cultura de origem cabocla inferior, primitiva e “folclórica”. (LOUREIRO, 2001, p. 81) Nada foi capaz de reduzir o potencial de organização e de identidade deste sujeito, superando a ideia de “pensar o ribeirinho como um ser étnico, um ser cultural, ultrapassando, assim, as tradicionais interpretações que se contentam em vê-los apenas com visões tecnicistas ou econômicas.” (SILVA, 2003, p. 23)

A veracidade dos fatos apontados é revelada pelas pesquisas que indicam, que os ribeirinhos, em sua maioria, na perspectiva de manter suas origens,

[...] procurou as margens dos rios, lagos e igarapés e fixou residência definitiva e, paulatinamente, teve que readaptar seu modo de vida de tal forma que a atividade de extração do látex foi abandonada, passando a adotar atividade da pesca e da agricultura em pequena escala, principalmente na lavoura branca. (SILVA, 2003, p. 95)

Para representar estas experiências, o documentário “O CHAMADO DO MADEIRA” traz inúmeros relatos de ribeirinhos que defendem esse modo de vida e que não se troca o direito de ser ribeirinho pelas grandes usinas do Complexo do Madeira. Essa resistência é a expressão máxima em nome da vida que há nas margens generosas do rio-terra, o Rio Madeira.

4 Os seringueiros e a simbiose com a floresta

Os seringueiros estão convencidos aos ciclos da borracha. Mas, em pleno século XXI, esses sujeitos sociais estão presentes em nossa sociedade, vivendo e comercializando seus produtos em associações e cooperativas (SILVA, 2003, p. 75) de modo a preservar uma história que mantém vivo o poder econômico dos grandes seringalistas da época.

Alguns autores apontam as diferenças visíveis entre o seringueiro amazônida e o soldado da borracha. Silva (2003, p. 77) diz que estes sujeitos “são diferentes na maneira de trabalhar, nas concepções de ambiente e na maneira de como se organizam enquanto comunidade.” Assim sendo, há “os seringueiros recrutados, os voluntários e os nativos”. (FERREIRA, 1991, p. 05 apud SILVA, 2003, p. 77)

No que tange aos modos de exploração “os seringueiros fazem o uso do extrativismo da floresta sem destruí-la. Se adequam ao meio, isto é, agindo com ética na relação homem e natureza.” (AMARAL, 2004, p. 68-69; 87) - O Seringueiro traduz essa realidade dizendo que a “mata” é valor, é vida; liberdade, espaço moral, local onde se movimenta; espaço de produzir e viver; onde ele produz e é enterrado; condição de sobrevivência e não de uma condição de acumulação.

O autor destaca que é uma ideologia herdada do contato com os povos indígenas e que o seringueiro se torna responsável por ensinar ao colono migrante como tratar as novas terras e automaticamente a natureza.

[...] o seringueiro é um dos agentes que vai contribuir para o aprendizado do colono nas novas terras, e posteriormente serão imitados pelos colonos no seu aprendizado com relação à floresta em particular e o meio amazônico em geral. (AMARAL, 2004, p. 92)

Em entrevista concedida aos acadêmicos do Curso de História – UNIR – Campus de Rolim de Moura em 1998, Senhor Olímpio, ex-soldado da borracha e fundador da Associação de Seringueiros de Pimenta Bueno, declarou que a socialização com os indígenas, que tinham suas terras invadidas pelos seringueiros, geravam conflitos. E ainda, segundo Olímpio (1998), “com o decorrer do tempo assimilaram a ideologia indígena e mais tarde a repassaram aos colonos migrantes que chegaram a Rondônia”.

Os conflitos citados são resultados do contato entre indígenas e seringueiros. O primeiro grupo sentia-se ameaçado pelos seringueiros que foram ocupando suas terras para extrair a borracha. De acordo com Teixeira (1996, p. 176-179), de imediato o clima de violência era uma constância. O índio protegendo sua terra e o seringueiro cumprindo as ordens dos patrões, os seringalistas. O cenário era de muitas mortes de membros dos dois grupos.

Com o tempo a cooperação entre eles foi essencial para que pudessem viver na floresta e do extrativismo, pois os seringueiros sem condições financeiras de voltarem para sua terra natal, o Nordeste após a II Guerra Mundial, permaneceram na Amazônia e descobriram com os indígenas “os mecanismos de ação cooperativos” (TEIXEIRA, 1996, p. 179) para se manterem na floresta.

5 A migração e as mudanças na dinâmica das relações sociais

Os empecilhos estão arraigados aos preconceitos em relação aos indígenas, ribeirinhos e seringueiros e para quem chega à região. Os migrantes trazem consigo

um estereótipo já produzido a partir do que a própria mídia divulga. Ao se deparar com tantas identidades constituídas, o migrante passa da estranheza a identificação e a sociabilidade dos saberes com estes grupos.

A Amazônia se caracteriza por correntes migratórias. Segundo Silva (2003, p. 47 – 49) a primeira teria ocorrido entre os anos 1877 – 1879, sendo composta de populações rurais do Nordeste e que teriam vindo para a região fugindo da seca. Anos mais tarde, no período compreendido entre 1890 – 1910, outro fluxo migratório também de origem nordestina, tendo a seca e a borracha como principais motivadoras, chegou para trabalhar nos seringais.

A segunda corrente migratória ocorreu no ano de 1942, estimulada pela seca no Nordeste e em função da propaganda do governo federal que necessitava de mão de obra para trabalhar nos seringais que iriam coletar a borracha que por sua vez manteria os meios de transportes térreos dos países aliados na Segunda Guerra Mundial. Este momento em específico ficou conhecido como batalha da borracha. Após chegarem a Amazônia, os soldados da borracha, assim denominados, ficaram sabendo que a propaganda do governo era enganosa. (Idem, *Ibidem*, p. 50/61/91) Muito mais que isso, os seringueiros ao chegarem a região tiveram atritos com os indígenas, obrigando-os a um processo de adaptação biótica, pois, não havia outra alternativa para eles dentro do “ciclo” da borracha.

Outro fator importante nesse processo foram os ciclos econômicos, que proporcionaram a vinda de milhares de migrantes para a Amazônia e Rondônia. Em específico, a descoberta da cassiterita no início da década de 1950, o ouro no Rio Madeira na década de 1980 e posteriormente os projetos de colonização que impulsionaram e intensificaram a rota migratória sem precedentes na história do Brasil.

Diante de tal demanda, o governo federal, fez a tentativa de controlar a situação (IANNI, 1979, p.171), e atuou “nos últimos anos no sentido de bloquear ou desviar os fluxos migratórios espontâneos que se dirigiam ou continuam a dirigir-se para Rondônia, o Acre e outras partes da região”. Essa restrição dificultou o acesso a terra na região amazônica e contribuiu para a ineficácia da Reforma Agrária.

Esses fatos proporcionaram diversos confrontos, em detrimento dos interesses capitalistas, que envolviam os grupos sociais na busca por aquisição de terras. E Amaral (2004, p. 67) destaca que:

[...] os diferentes grupos e classes sociais locais ou originários de outras regiões, estabelecem, nas novas terras, relações de intervenção na natureza conforme seus interesses ou modos de viver. Não se integraram de imediato à natureza. Eles tentaram num primeiro momento reproduzir nas novas terras os modos de viver de suas regiões de origem. Isto é, tentam adequar suas culturas ao ambiente amazônico.

Em tese, inicialmente os migrantes que chegaram neste espaço geográfico desconsideraram que “a sociedade local estava estruturada social, econômica e culturalmente em bases e princípios” (Idem, Ibidem, p. 71/87). Essa forma de pensar provocou uma desestruturação e reorganização desses povos que ali viviam, pois, tais sujeitos, “procuravam reproduzir nas novas terras os seus costumes e seu modo de viver.” (Idem, p. 71/87)

O autor ainda menciona que “[...] o colono do sul, num primeiro momento, ao chegar às novas terras, procurou cultivar um sentimento de indiferença com relação ao seringueiro. Pelo código de conduta do migrante, era inconcebível um sujeito trabalhar dentro da mata.” (AMARAL, 2004, p. 91)

Entretanto, os próprios migrantes reavaliam o sentimento de indiferença para com os seringueiros com o passar do tempo, porque as características dessa região são muito singulares. Portanto, era essencial uma adequação ao meio, neste caso a floresta, porque eles não sabiam manipular os recursos naturais e não havia estrutura viável para que isso acontecesse.

Considerações

Ao descrever as bibliografias relacionadas verificou-se que há uma diversidade de identidades ou representações dos “Amazônidas” em Rondônia e que vem constituindo um mosaico cultural em todo o espaço geográfico amazônico.

A migração ocorrida entre os anos de 1970-1980 tem contribuído para que novas identidades surjam, seja no imaginário ou no campo simbólico quando se refere ao indígena por meio dos encontros e desencontros culturais. As comunidades ribeirinhas vivenciam, em pleno século XXI, as tradições milenares e os seringueiros se adequaram às florestas assimilando as experiências indígenas e ribeirinhas.

A partir deste retrospecto, a análise que se faz está relacionada à migração, intensificada no período indicado, que vem promovendo mudanças na dinâmica das

relações sociais em contato com as comunidades tradicionais expondo o migrante a uma encruzilhada: adequar-se ao meio ou intervir na natureza.

A reprodução de seus costumes nas novas terras é superior ao fato de não aceitarem a adaptação aos moldes extrativistas, ou seja, se consideraram donos do conhecimento e impuseram a natureza e aos indígenas perdas irreparáveis. Principalmente, aos ribeirinhos e aos seringueiros que lutam pela preservação de suas identidades culturais.

Referências Bibliográficas

AMARAL, J. **Mata Virgem, terra prostituta**. Porto Velho-RO: abg Gráfica, 2004.

CRUZ, V. do Carmo. Povos e Comunidades Tradicionais. *In*: CALDART, R. Salette. et al. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: 2012, Expressão Popular.

GONDIM, N. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IANNI, Octavio. **A Ditadura da Agricultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. “A Poética do Imaginário”. *In*: **Cultura Amazônia: uma Poética do Imaginário**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

MOREIRA NETO, C. de A. **Índios da Amazônia: de maioria a minoria (1750 – 1850)**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1988.

NEVES, E. G. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

Revista Nova Escola. **O Brasil da Pré-História**. Ano XXIII. Nº 212. Maio de 2008.

SILVA, J. da C.; SOUZA, M. P. de; FIGUEIREDO, E. F. G. de; SOUZA, L. F. & PEREIRA, W. S. B. **NOS BANZEIROS DO RIO**. Sustentabilidade e Desenvolvimento em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia. Porto Velho – RO: EDUFRO, 2002.

SILVA, M. das G. **O Espaço Ribeirinho**. Porto Velho: 2003. Coleção Amazônia.

TOCANTINS, Leandro. **Amazônia – Natureza, Homem e Tempo: uma planificação ecológica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército/Editora Civilização Brasileira, 1982.

Documentários:

Realização Rede Brasil. Reproduzido por TELAMÍDIA. **O Chamado do Madeira. A luta dos povos da Amazônia contra os megaprojetos.** Porto Velho/RO, 2006, DVD.

FARIAS, E. E. Diretor, Editor e Produtor. Roteiro: Acadêmicos do Curso de História – Turma 1996-1999 – UNIR – Campus de Rolim de Moura. **SERINGAL.** Rolim de Moura, 1998, DVD.